

## CORPO E ESCRITA: MEMÓRIAS DO SUJEITO E LUGARES DE AUTORIA

Nilton MILANEZ

[niltonmilanez@hotmail.com](mailto:niltonmilanez@hotmail.com)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Maria da Conceição FONSECA-SILVA

[con.fonseca@gmail.com](mailto:con.fonseca@gmail.com)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

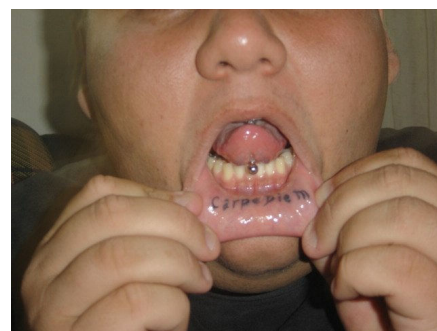
Escrita, efeito-sujeito e autoria: Maria do Rosário Gregolin e Vanice Sargentini

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? assim: como se me lembrasse. Com um esforço de “memória” como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro e a lembrança é em carne viva.

Clarice LISPECTOR

### 1- Corpo e autoria

O corpo carrega as marcas da ontologia do seu presente. O rosto deflagra o olhar da história do cotidiano. A boca silencia as palavras e o sujeito engole o vazio da sua história. Na mucosa atrás dos lábios, foto ao lado, vemos *Carpe Diem*. A ponta da língua aponta para cima: a sedução de um convite ou o eterno retorno na imagem da cobra engolindo o próprio rabo? Talvez, ambos. O sujeito se coloca como promotor de seu desejo e faz do seu corpo um livro no qual se inscrevem, à maneira de De Certeau (2000), como *ferro em brasa*, suas identidades.



O corpo se torna, portanto, acontecimento discursivo<sup>1</sup>, atravessado por discursos múltiplos e díspares, desmembrando-se de suas descrições anatômicas, colocando a pele em carne viva numa rede discursiva, que o afoga na opacidade das águas e que o traz à luz, constituindo uma gramática da verdade sobre o corpo e a linguagem dos primeiros dez anos do século XXI, ...porque, para citar Barthes (2004, p. 61), “todo texto é escrito *aqui e agora*”. O corpo será, ainda, não somente mero suporte para a escrita, mas o meio pelo qual se coloca ao mesmo tempo em rede a margem povoada de tantos outros discursos, como nos ensinou Foucault (2000), mas que é delimitado pelo cotidiano, aqui, desta reflexão, fazendo-nos pensar sobre o entrelaçamento corpo-escrita-autoria.

---

<sup>1</sup> Ver «O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História», de Pedro Navarro em : NAVARRO, Pedro e SARGENTINI, Vanice (org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem**. Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

Na boca tatuada<sup>2</sup>, o corpo-leitor faz nela as anotações das dobras da história que o constitui em sua singularidade de sujeito e, segundo Blanchot (2005, p.270), “o que se escreve se enraíza”. Essas raízes fincam a escritura ao corpo que se lança à aventura dos dias, alterando seu presente, lembrando-se a si mesmo que ele pode ser o dono daquelas palavras, evidenciando os mecanismos que constroem suas memórias. Assim, a palavra tatuada fundará uma memória, mas não se pode pensar, como nos adverte Marc Augé (1989, p.53), em memória sem relação, ou seja, inquietamo-nos em direção à malha discursiva que coloca a inscrição da frase tatuada no corpo do sujeito face ao esquecimento de seu autor.

O corpo passa a ser o lugar da autoria. Na ânsia de preencher os espaços vazios de seu corpo inacabado, o corpo do sujeito resiste à soberania da autoria para escrever as verdades tomadas para si e redigir a escrita da sua libertação. Do apagamento à apropriação, iluminam-se os traços e marcas da reinvenção do sujeito.

## 2 - A escrita do exterior

Vejamos o enunciado que se prega como escritura às costas marcadas nas letras em *O essencial é invisível aos olhos*<sup>3</sup> - como na foto ao lado, colada de um álbum do orkut. Nele uma arte da existência se materializa por meio do corpo, tinta e agulhas, e configura uma cultura de si ao mesmo tempo em que deixa entrever as memórias da literatura francesa. Mas o que tornaria essa manifestação possível?



Ora, uma inquietação que pode, entretanto, ser investigada a partir das condições que constituem o sujeito. Parece estarmos, portanto, diante de dois cajados que sustentam o sujeito. De um lado, as técnicas que desenvolve para o domínio de si e seu auto-governo, de outro, a empreitada da memória dos discursos na sociedade, que nos vem por meio de nossas relações interindividuais e institucionais, encarnadas no corpo e expelidas em forma de sonhos, gestos e condutas.

Nesse trajeto, o corpo como lugar de autoria, então, pode ser compreendido como característica do modo de existência, de circulação e de funcionamentos de certos discursos no interior de nossa sociedade, da forma como os discutiu Foucault (2001a). Sobretudo, isso nos coloca de novo frente a outra dupla coerção: esse regime de materialidade aponta a inscrição no corpo como um indício seja de singularidade, seja de personalização, indicando o

<sup>2</sup> Cf. <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=6379472036360451983>, acesso em 20/04/07

<sup>3</sup> Cf. <http://www.orkut.com/Album.aspx?uid=3358069261590530363>, acesso em 20/04/2007

corpo como recipiente dos discursos, para, depois, por meio dessa reinscrição, liquefazer-se no próprio discurso autoral e corporal.

O que nos interessa, assim, não é o sentido das palavras, mas as condições que o enunciado produz e o sujeito que dele começa a se formatar. A escrita que se amalgama aos tecidos do corpo se lança a um exterior, que faz desaparecer o sujeito que ali fala para, paradoxalmente, reencontrar o espaço no qual se constitui, talvez como “a aparição da linguagem em seu ser e a consciência de si em sua identidade” (FOUCAULT, 2001b, p. 549). Tempo, suporte material e espaço são tomados com indiferença, colocando em evidência uma forma repetível indefinidamente, que destaca as enunciações e suas dispersões. Uma ponta de singularidade se recolhe e é engolida pelo vazio da abertura de linguagem que se espalha ao infinito. O corpo, o exercício de sua função e seus sentidos se dispersam, as materialidades que o definiam são as mesmas que produzem sua inexistência.

O corpo com a tatuagem escrita, portanto, se dá a ver por meio de uma ordem do discurso, que não o coloca como fonte original ou primeira, mas dá-lhe a possibilidade de se transmutar em enunciado no interior de um *regime de materialidade*, como nos diz Foucault (2000, p.118). Essa posição permite ao corpo como enunciado emergir de sua materialidade, entrar em redes, colocando-se em campos de utilização, oferecendo-se a transferências e modificações, estratégias que guardam ou apagam suas identidades. Isso faz do corpo uma ferramenta discursiva, utilizada pelo sujeito como exercício de um lugar de autoria. Tais estratégias despertam um ser fragmentado pela linguagem (2000b, p. 420), que não quer tratar do que ela é em si mesmo, mas olhar para o que ela designa, ouvir *quem fala*, designando-se a si próprio e aos outros, arrastando-nos inevitavelmente às memórias da história e a uma ansiosa busca de si.

### 3 - Torções da memória

A inscrição *Was mich nicht umbringt, macht mich starker*<sup>4</sup>, traduzido por *Aquilo que não me mata, apenas me torna mais forte*, sobre o peito, em uma foto exibida na rede virtual, toma os contornos de uma lápide, na qual o sujeito escreve não sobre o seu fim, mas faz deflagar em inscrição a história de sua vida. Citação de Nietzsche recuperada sobre os tecidos da carne,



<sup>4</sup> Cf. <http://www.orkut.com/AlbumZoom.aspx?uid=13687892608328921582&pid=4>, acesso em 20/04/2007

perde o status de filosofia e constitui o enredo de um serviço à memória como repetição, uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2000), que ao ser transcrita, alavanca articulações transformadas, trocadas, combinadas, para depois, então, serem ainda recompostas. Por isso, o essencial não parece mais ser a questão do apagamento do autor, mas a oportunidade que o sujeito cria, ao inventar por meio dos deslocamentos produzidos no interior de seu próprio corpo, fazendo emergir *domínios de memória* (FOUCAULT, 2000; COURTINE, 1989). Dessa vez, o domínio de memória nesses corpos discursivos se faz presente por meio do esquecimento que, para Nietzsche (1998, 1998, G.M. II, § 1), nos dá “um pouco de sossego, um pouco de tábula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo”, um blackout necessário, um dever de esquecimento (AUGE, 2001) para possibilitar o porvir.

Ainda, insatisfeito, me pergunto: do que falam os fragmentos de matéria golpeados em ferro sobre o corpo em *Carpe Diem, O essencial é invisível aos olhos, Aquilo que não me mata apenas me torna mais forte*? Horácio, Saint Exupéry e Nietzsche parecem perder seu lugar de autoria para desfilar sob roupas ou a corpo aberto sob sol e chuva. E observo que esses enunciados podem assinalar qualquer sentido que seja apenas se compreendidos em suas irrupções históricas, construindo as dobras da história da nossa subjetivação, que não é, segundo Deleuze (2004, P; 105) uma reprodução do Mesmo, mas uma repetição do Diferente.

Autores deslocados no espaço se torcem, se dobram, se desdobram, passam pela máquina de lavar do tempo, redobram seus tecidos, marcando os traços e indícios de identidades que se formam, se destroem e se reconstituem indefinidamente. De corpo em corpo, as escrituras vão se dobrando e se repetindo, e como um corredor que passa seu bastão adiante, o exterior dessa linguagem se invagina pelos desvios ou desdobramentos da memória. Isso parece nos mostrar que o sujeito compõe um quadro discursivo no qual autoria e corpo evidenciam a relação a si, calculando-se a si mesmo à medida que se lança a dominação dos outros para a dominação de si.

Que política de vida por meio da escritura seria essa? Poderia ser a filosofia como denominou Foucault?

“Não há nenhuma filosofia soberana, é verdade, mas há uma filosofia ou, melhor, há filosofia em atividade. A filosofia é o movimento pelo qual nos libertamos – com esforços, hesitações, sonhos e ilusões – daquilo que passa por verdadeiro, a fim de buscar outras regras do jogo. A filosofia é o deslocamento e a transformação das molduras de pensamento, a modificação dos valores estabelecidos, e todo o trabalho que se faz para pensar diferentemente, para fazer diversamente, para tornar-se outro do que se é.” (FOUCAULT, 2001c)

Mais uma vez a alteridade se mostra não como o outro lado da moeda, mas como em uma aliança entrelaçada por outras alianças, ou seja, um sujeito que retoma sempre o si constitutivo, opaco e presente no presente.

#### **4 - Sujeito e busca de si**

O presente do corpo, que não é o agora do presente indicativo, mas o questionamento da pergunta “Em que mundo nós vivemos?” (FOUCAULT, 2001d), faz-me refletir o corpo como afirmação do sujeito e a propriedade de si.

O corpo em sua materialidade inacabada, porque discurso sempre a ser construído, repetido e transformado, poderia ser tomado como afirmação pessoal, colocando em evidência, como explica Breton (2002, P.7) uma estética e uma moral da presença. Tal fato revela, sim, um descontentamento com o corpo que se tem, indicando possibilidades para completá-lo ou adequá-lo à idéia que se faz dele. Acima de tudo, o desejo de se acrescentar uma marca própria para possuí-lo. Daí, então, dominar-se a si para tomar posseção de si mesmo.

Fica claro, portanto, que estamos no campo do cuidado de si, presente e central em todo lugar: na ginástica e na procura da forma, em suas vertentes econômico-comerciais, nas marcas corporais tomadas como adereços de embelezamento e estabelecimento de singularidades em meio à massa etc. Tudo isso para nos dizer que “há uma fragilização da pessoa humana que se pergunta sobre sua identidade, onde ela está e se ela chega a comunicar com o outro” (TOURAINÉ e KHOSROKHAVAR, 2000, p. 115). Assim, cravar a ordem da fala alheia sobre seu próprio corpo compreende a imagem da beleza e uma estima a si que supõe o olhar do sujeito sobre ele mesmo. Esse, entretanto, é o desenrolar do fio de um novelo de lã.

Como discursos tão heterogêneos proliferam e circulam com tanta voracidade? Mais do que tocar o domínio de direitos culturais, essas manifestações de autoria firmam os laços entre técnicas e constituição de imaginários. Ora, o mundo se abre hoje a um simples toque nas teclas de nosso computador, as fronteiras se expandem a lugares que há 15 anos eram antes inimagináveis, as distâncias se reduzem a imagens virtuais em nossas webcams. Eu sou tudo o que me rodeia, o que leio, o que ouço, o que compro, o que como, a ponto de não me constituir como aquele “eu” sartreano e metafísico, de maneira a reconhecer que pertenço a mim por meio de um “nós”. Como, então, pode este ou aquele ser o dono disto ou daquilo?

O autor como individualidade parece se esmaecer, o autor como um eu se apaga, deslizando para uma prática de si. Praticar-se a si, pergunto-me em ausência, seria uma certa autonomia da subjetividade que viria por meio da emergência do sujeito e suas transformações profundas no nível do corpo? Na história da busca de si encontraremos, em civilizações precedentes, invenções de forma de corporeidade como o “corpo transfigurado, o corpo iluminado, o corpo belo e estetizado, o corpo ascético, o corpo maléfico e ao mesmo tempo o corpo de bondade” (TOURAINÉ e KHOSROKHAVAR, 2000, p. 118). Dessa forma, ao focalizarmos a escritura sobre a pele e o tecido discursivo que dela se depreende, estamos olhando para a maneira pela qual a inscrição corporal em suas ações, pensamentos, desejos e discursos que produz retornam como inscrição no mundo.

## **5 - Propriedade de si**

Tais apontamentos parecem colocar em evidência o enunciado “Meu corpo me pertence”, que se configurou como acontecimento em torno das lutas e tensões sobre o corpo meio a efervescência político e sexual nos Estados Unidos e na Europa. Porém, o destaque ao pertencimento do corpo faz eclodir duas outras posições do sujeito: “Eu tenho meu corpo” e “Eu sou meu corpo”. À primeira vista, “ter” e “ser” poderiam se opor, mas partilham um domínio que as inclui, visto que cada sujeito é e tem seu corpo ao mesmo tempo. Basta pensarmos etimologicamente a palavra corpo, que nos remete imediatamente a uma ambivalência. O termo indo-germânico “karp” faz referência à beleza e o vocábulo “kar” se define por fazer e fabricar, destacando, respectivamente, uma relação estreita e constitutiva ao sujeito com um valor instrumental. Acrescente-se, ainda, o sentido da palavra corpo em grego, *kraînò*, que quer dizer criar.

Isso significaria que cada indivíduo tem uma relação de identificação com o sujeito que é marcado por um paradoxo essencial, o que implicaria pensar que se eu tomo meu corpo em termos de possessão, significa que eu posso modificá-lo, mas isso não mudaria minha identidade. Por outro lado, se eu compreendo meu corpo como na essência “sou o meu corpo”, essa identificação acarretaria em mudança de identidade. De toda forma, a prática da escritura sobre o corpo entrelaça memórias dispersas da história no interior de um fio regular que é o corpo/sujeito, produzindo um discurso que amalgama esses domínios antagônicos e possibilita a recriação por meio da inscrição da língua e, conseqüentemente, do discurso no corpo. Isso nos leva a uma apropriação, primeiro, dessa escritura, depois do suporte que o carrega, o corpo, delimitando um tipo de propriedade que não é individual como a do autor, mas uma propriedade subjetivada, a propriedade de si. Por isso, ao meu ver, se há algum tipo

de propriedade é a propriedade de si, quero dizer, é este tipo de pertencimento ao qual se deve debruçar para pensar o sujeito e a sua ausente constante presença autoral.

Ter a propriedade de si é, portanto, “ter” e “ser” seu corpo, mas não tratando-o como objeto consumível e mercadológico. De um lado, o corpo é tomado como suporte, o que lhe permite existir como sujeito variando historicamente e existir como sujeito que supõe a propriedade de si mesmo, uma livre disposição de si, a não dependência face ao outro, uma autonomia no interior da subjetividade indicando que para o poder ser exercido por um sujeito, é preciso que ele seja proprietário. De outro, a propriedade de si pode abarcar a vida, a liberdade, os bens, relevando, sob uma perspectiva lockeana, segundo Haroche (2001, p. 16), “a existência de uma continuidade entre mundo, indivíduo, seu corpo, o trabalho, todos esses elementos que constituem uma propriedade do ser humano que lhe permite existir como indivíduo”. Ou seja, trata-se de uma capacidade do sujeito, de um desejo de apropriação ou do poder e da liberdade que a propriedade confere?

Esse desejo de propriedade de si concentra-se sobre a força que move o sujeito de ser o governante de uma determinante escrita, que depois de controlada, regulamentada e estar circulando livremente coloca-o diante de si mesmo, podendo vangloriar-se dessa conquista que diz respeito ao seu auto-governo. Tal trajeto parece nos dizer que a escrita, muito menos como modelagem do corpo do que como o adestramento de si mesmo, é uma forma de romper com o sistema de suplício da disciplina que nos constrange, retomando por meio do corpo aquilo que nos é mais próprio, o encontro do corpo afetado pela batalha discursiva entre autorias e formas de apropriação com sua exterioridade.

Mas se a voz autoral se apaga no corpo, o corpo como um espaço para múltiplos lugares não se apaga no mundo? Enfim, de volta ao sujeito, damos de cara com sua dispersão em infindáveis e móveis identidades, sempre a se revelar, sempre a nos afrontar.

## **6- Escrita por vir**

As trilhas discursivas sobre a qual nos lançamos delimita o autor, da maneira que Foucault o concebeu, no interior de coexistências com o sujeito, a memória e a história, perpassados pela movência e dinamismos das formas identitárias construídas pelo corpo. O corpo e a escrita foram tomados como domínios de esquecimento como, segundo Lispector, “uma forma de lembrar-se do que nunca existiu”, de tão diluído e líquido que se dá a ver. Buscar recuperar as evidências desse passado seria afastar-se do caráter histórico descontínuo do sujeito. Sujeito e língua se entrelaçam em uma antologia de existências materiais, revelando vidas singulares e autores esfacelados pelo tempo. Mas porque reafirmar

insistentemente esse passado, que se não puder ser modificado, não nos deixa viver nossas alteridades? Por isso, mais interessados em fazer referências à autoria, estávamos buscando olhar uma das maneiras possíveis sob a qual elas podem operar. Desse modo, o lugar dos grandes nomes, as celebridades autorais, deu lugar ao homem ordinário, investigando a história a partir de micro-lugares do cotidiano, dando voz a fragmentos de discursos que antes de constituírem verdades diacrônicas criam efeitos outros de realidade sobre a descontinuidade sujeito, seu corpo e sua escrita de si.

## 7- Referências

- BARTES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Martins Fontes: São Paulo, 2004, p. 57-64
- BLANCHOT, Maurice. **O livro do porvir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASTEL, Robert & HAROCHE, Claudine. **Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi**. Entretien sur la construction de l'individu moderne. Paris : Fayard, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: As Artes do Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Corps et Discours** : Eléments d'histoire des pratiques langagières et expressives. Université de Paris X-Nanterre, 1989 (mimeografado).
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Paris: Les Editions de Minuit, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.
- \_\_\_\_\_. Qu'est-ce qu'un auter? In: FOUCAULT, M. ; DEFERT, D.; ÉWALD. F. **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001a.
- \_\_\_\_\_. La pensée du dehors. In: FOUCAULT, M.; DEFERT D.; ÉWALD. F. **Dits et Ecrits I**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001b.
- \_\_\_\_\_. Le philosophe masqué. In: FOUCAULT, M.; DEFERT D.; ÉWALD. F. **Dits et Ecrits II**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001c.
- \_\_\_\_\_. Qu'est-ce que les lumières ?. In: FOUCAULT, M.; DEFERT D.; ÉWALD. F. **Dits et Ecrits II**, 1954-1975. Paris: Quarto-Gallimard, 2001c.
- LE BRETON, David. **Signes d'identité**. Tatouages, piercings et autres marques corporelles. Paris : Editions Métailié, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TOURAINÉ, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. **La recherche de soi**. Dialogue sur le Sujet. Paris : Fayard, 2000.